Apoio:

Patrocínio:

Realização:

O Coelhinho Astuto

O Coelhinho Astuto

Um coelhinho que passava sempre muita fome se metia quase todas as noites numa horta, onde cresciam as melhores couves de todo o lugar. De cada vez que entrava ali arrancava um pé de couve e, carregando-o para casa, o comia muito contente. Finalmente, as couves acharam que aquilo já era demais, e resolveram não mais tolerá-lo. Reuniram-se e combinaram prender o ladrão e castigá-lo severamente. Aquela que o capturasse seria nomeada rainha das couves.
A uma hora da madrugada todas se reuniram e se dirigiram com toda a cautela para o bosque onde morava o coelhinho. Cercaram a floresta, de modo que nem um rato podia escapar sem ser descoberto por elas.
O coelhinho percebeu que não podia fugir, e decidiu usar de astúcia. Apanhou uma agulha e linha, e ; coseu as suas orelhas no pescoço. Depois juntou todas as folhas que pôde e cobriu todo o corpo com elas. A seguir, valentemente, saiu saltando como uma rã, por cima das couves.
- Quem és tu? - perguntaram elas ao coelho.
Não me conheceis, suas couves idiotas? Eu sou a

grande rã que adivinha o tempo que vai fazer.
- E como será o dia de hoje?
Hoje o sol brilhará e fará calor.
- Por favor, querida rã, faze com que chova e sopre o vento! Assim o malvado coelhinho terá de sair do bosque, e poderemos caçá-lo!
- Sinto muito, mas hoje não pode ser. . . O tempo já está seco e quase cozido. Mas amanhã, minhas senhoras, eu lhe porei mais água, farei com que ele fique mais leve, e não deixarei que cozinhe de todo. Assim terão chuva.
Isto, como era natural, agradou muito às couves, que adiantadamente agradeceram ao coelhinho.
Este soltou uma risadinha e escapuliu do bosque.
Não se passou muito tempo, as couves verificaram que tinham sido vítimas de um logro. Raivosas; correram atrás do coelho e o alcançaram em pleno campo, quando ele se preparava para dormir a sesta.
Quando o coelhinho se viu cercado de inimigos que avançavam para ele sem lhe dar possibilidade de se defender, estendeu-se no chão, em todo o seu comprimento, como se tivesse morrido. Antes tinha apanhado uma pedrinha cinzenta, que colocou em cima do estômago. As couves se aproximaram e cheiraram o coelhinho por todos os lados.
- Estás morto de verdade? - perguntou uma delas.
- Acho que sim - sussurrou o coelho - O caçador malvado me deu um tiro. Ainda se pode ver a bala que me acabou com a vida.. . - E apontou para a pedrinha.
Ouvindo isso, as couves ficaram muito contentes, porque o coelhinho já ia morrer, e regressaram

depressa ò horta. Naquela noite, o coelho roubou a mais bonita de todas as couves e a devorou com grande alegria.
As couves se aborreceram ainda mais do que antes, e saíram de novo para capturar o coelhinho; encontraram-no sentado ao pé de uma árvore. Quando as viu, o bichinho trepou depressa pela árvore e se escondeu no meio dos ramos. Mas as couves já o tinham visto.
- Desce depressa, senão iremos buscar uma escada e subiremos para prender-te.
Mas ele respondeu:
- Eu não sou aquele coelho que estais procurando. Ele não vive nas árvores. Eu sou o inofensivo esquilo, que nunca vos deu nenhum prejuízo...
Daquela vez as couves não se deixaram enganar.
- Desce, e então veremos se tu és mesmo o esquilo!
O coelho desceu, e no mesmo instante se viu cercado das couves. Uma delas apareceu com uma avelã.
- Parte esta casca! - ordenaram todas a uma só voz.
O coelho empalideceu de medo. Meteu a avelã na boca e apertou com toda a sua força, mas não pôde parti-la pela simples razão de que não tinha dentes de esquilo. . .
Então as couves riram muito dele e sacudiram suas grandes cabeças. Amarraram as patas do animalzinho e o levaram para ser julgado. Então o coelhinho começou a chorar ardentes lágrimas e se preparou para deixar este mundo. Mas antes ele pediu um favor às couves.

- Uma vez - disse ele - vi numa horta uma couve que se sustentava no chão com a cabeça, em vez de ser com os pés; foi a couve mais habilidosa que já vi em toda a minha vida! Tenho a certeza de que as senhoras poderão fazer facilmente o mesmo! Gostaria de apreciar uma vez mais tão maravilhoso espetáculo; depois morreria satisfeito!
As couves começaram a experimentar se podiam ficar com a cabeça no chão, em vez dos pés, mas todos as vezes perdiam o equilíbrio e rolavam no solo. Seus tombos eram tão engraçados, que o coelho, apesar da sua situação triste, ria a ponto de estourar...
As couves acabaram ficando zangadas, e muito coradas, gritaram:
- Isso de se equilibrar com a cabeça não é possível! Ninguém no mundo pode fazer tal coisa!
- Se o fizerem assim, claro que não! - respondeu o coelho. - Mas é que aquela couve inclinava a cabeça até o chão, depois punha uma dos pernas para cima, e a seguir a outra. Se me soltarem um momento das minhas correntes, vou mostrar como é que se faz!
- Está bem, - replicaram as couves- mas se não o conseguires, terás de morrer duas vezes!
O coelhinho concordou e elas o soltaram. Quando se viu livre, ele apoiou as quatro patas no solo, se encolheu um pouco, adiantou a cabeça para a frente, e de repente deu um grande solto, pondo-se a correr!
As couves olharam uma para a outra, cheias de pasmo, e compreenderam que mais uma vez se tinham deixado lograr!

Mas, não se passou muito tempo, elas tornaram a capturar o coelho. Para isso abriram um buraco no solo, taparam-no com raminhos e folhas, e quando o bicho foi roubar, caiu dentro do buraco e não pôde mais sair. Depois as couves lhe amarraram uma corda à cintura e o puxaram da armadilha. Desta vez ele não escaparia!
- Minhas queridas senhoras.. . - gemeu o coelhinho.
- Desta vez tenho um último desejo, de verdade!
Fui educado na religião católica, e antes de morrer queria confessar meus pecados a um padre!
- De maneira nenhuma! - gritaram as couves. - Hoje tu não nos enganos! Serás levado imediatamente ao jardim, e lá te fuzilarão.
No mesmo instante todas as couves se dirigiram para o lugar indicado, arrastando o coelhinho. Este seguiu-as humildemente, e até parecia feliz, pois pelo caminho ia cantando:
“Atira, atira, não me matarás! Viva! viva! não me ferirás! Em troca, eu morreria, Se numa forca me pendurassem!”
Ouvindo-o, as couves exclamaram:
- Ah, sim? De modo que as balas não te atingirão, não é? Pois serás enforcado! Que achas disto?
O coelho começou a chorar e a gemer.
- Tem vergonha, coelho covarde! - exclamaram as couves. - Achas que tens o direito de dar um espetáculo desses, só por que vamos enforcar-te? - E continuaram a repetir: - Tem vergonha! Tem vergonha!
O coelhinho disse então, entre lágrimas:
- Não é por mim que estou chorando, é pelas senhoras. Uma vez uma cigana me profetizou que

todas as pessoas que me olhassem quando eu fosse enforcado, ficariam cegas de medo, e é por isso que sinto tanta pena das senhoras!
As couves se agitaram, muito inquietas.
- Não tem importância - disse por fim uma das mais velhas. - Nós taparemos os olhos, e assim não veremos quando morreres enforcado.
Ao ouvir esta solução, todas as outras couves, loucas de alegria, beijaram a que havia falado. Depois apanharam folhas verdes e capim, e taparam com isso os olhos. Enquanto isto já tinham chegado à árvore onde iam pendurar o coelhinho. Mas como estavam com os olhos tapados, não podiam enxergar o astucioso pecador.
- Deus meu, estou com tanto medo! - exclamava ele.
Estás preparado? - perguntaram as couves.
Sim! - gritou o coelho. E rapidamente apanhou um tronco que estava no chão, tirou o nó corrediço do pescoço e pendurou nele o tronco.
- Pronto! - gritou o velha couve. E todos a um só tempo puxaram a corda, da qual pendia o tronco.
Enquanto isto o coelhinho se afastou silenciosamente.
Quando, depois de muito tempo, as couves acharam que o criminoso já devia estar morto, então destaparam os olhos.
Ao verem o tronco pendurado na corda, sentiram uma grande raivo, porque viram que o esperto coelhinho tinha tornado a zombar delas. Fizeram um solene juramento de que da próxima vez, acontecesse o que acontecesse, ele não lhes escaparia.

Dali a mais umas horas descobriram o ladrão, que, sentado na janela da casa dele, merendava tranqüilamente.
- Boa tarde, senhoras couves - lhes disse ele. - Já estão voltando da execução? Foi interessante? As senhoras se emocionaram muito?
- Espera e verás, seu malvado! - responderam todos a uma só voz. - Desta vez não zombarás de nós!
- Sinto muito não poder abrir a porto para convidá-las a merendar. . . - replicou zombeteiro o coelho. - Mas é que perdi a chave. . . E agora, adeus. Vou para o cama descansar um pouco de tanta execução!
E tratou de se meter no interior do seu domicílio.
As couves estavam indignadas. Colocaram sentinelas em todos os pontos estratégicos, porque estavam dispostas a apanhar o coelho.. . Algum dia ele teria de sair de casa, se não quisesse morrer de fome.
Depois de esperarem pacientemente durante várias horas, se abriu de novo a sacada e o coelhinho saiu, vestindo um roupão elevando na cabeça um gorro de dormir, e fumando um comprido cachimbo. Sentou-se numa cadeira e observou, sorridente, as couves reunidas lá embaixo. De tanta raiva, elas tinham ficado amareladas.
De repente, o coelho se pôs em pé de um salto e olhou para longe, como se estivesse vendo alguma coisa muito interessante. Depois tirou o gorro de dormir e exclamou:
- Bom dia, Senhor Hortelão! - O que deseja? Como? Não entendo. Ah, sim! Disse que deseja couves paro a mesa de seu patrão? Muito bem, venha até

aqui, e encontrará todas aquelas de que precisar! Poderá escolher as que forem mais do seu agrado, pois tenho umas lindas!
Mal as couves ouviram isto, puseram-se o correr com todas as suas forças, e regressaram à sua horta. O coelho, quando as viu correrem da maneira tão ridícula, tropeçando umas nas outros e caindo a todo instante, desatou em ruidosas gargalhadas. Quando as couves chegaram, sem fôlego, à casa delas, resolveram que, dali por diante, deixariam em paz o astucioso coelho, que em tontas ocasiões já havia zombado delas.

FIM